

Antidepressivos e Adolescência: Uma Relação Conturbada?

Antidepressants and Adolescence: A Troubled Relationship?

Raquel Campos^{1*}

***Autor Correspondente/Corresponding Author:**

Raquel Campos [raquel.campos@hgo.min-saude.pt]
Hospital Garcia de Orta, EPE, Av. Torrado da Silva, 2805-267 Almada, Portugal
ORCID iD: 0000-0001-6454-3053

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Antidepressivos/uso terapêutico; Perturbação Depressiva

KEYWORDS: Adolescent; Antidepressive Agents/therapeutic use; Depressive Disorder

O isolamento social que se impôs nos últimos anos de pandemia por COVID-19 tem sido apontado como um dos possíveis fatores que contribuem para o crescimento da incidência de psicopatologia a que temos assistido de forma transversal na criança, no adolescente, no adulto e no idoso.¹ Várias foram as referências ao estudo coordenado pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), no ano letivo 2021/22, que concluiu que 42,2% dos adolescentes portugueses apresentam “sintomatologia depressiva”. Estes dados foram alvo de especial preocupação, na medida em que, se estima que a prevalência global da perturbação depressiva na adolescência se encontre entre os 4% e os 6%, representando números bastante inferiores aos obtidos neste estudo. A associação entre a depressão e o suicídio, em adolescentes e jovens adultos, encontra-se documentada, estimando-se que 30% das vítimas de suicídio nestas faixas etárias preenchessem totalmente os critérios clínicos para perturbação depressiva, pela altura da sua morte. Por outro lado, o suicídio encontra-se global-

mente identificado como a terceira causa de morte, em jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, e a quarta causa de morte, entre os 10 e os 14 anos de idade.

Ora, enquanto na idade adulta os ensaios clínicos com terapêutica antidepressiva se iniciaram há vários anos, documentando a sua eficácia e segurança, só mais recentemente começaram a ser conduzidos estudos semelhantes em idade pediátrica, dificultando a decisão clínica e, não raras vezes, protelando o início do tratamento farmacológico e condicionando o prognóstico do doente a curto, médio e longo prazo (sendo que a taxa de continuidade das perturbações depressivas para a idade adulta ronda os 50%).

Tanto a Suécia (2001)² como os Estados Unidos da América - EUA (2006)³ conduziram estudos epidemiológicos focados na possível associação entre o aumento da prescrição de fármacos antidepressivos e a diminuição da taxa de suicídio. No estudo sueco a associação foi

1. Hospital Garcia de Orta, EPE, Av. Torrado da Silva, 2805-267 Almada, Portugal.

Recebido/Received: 2022/11/25 - Aceite/Accepted: 2023/03/07 - Publicado online/Published online: 2023/03/10 - Publicado/Published: 2023/03/31
© Author(s) (or their employer(s)) and Gazeta Médica 2023. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use. © Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Gazeta Médica 2023. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

estatisticamente relevante, não variando com o gênero ou idade dos indivíduos. Também o estudo realizado nos EUA concluiu que um aumento de apenas 1% na prescrição de antidepressivos na adolescência, está associada a uma diminuição de 0,23 suicídios /100 000 adolescentes/ ano.

Em 2022 foi realizada uma meta-análise observacional, tendo-se encontrada uma fraca correlação entre a exposição a antidepressivos inibidores da recaptação de serotonina (SSRIs) e o risco suicidário em crianças, adolescentes e jovens adultos. Neste mesmo estudo, apenas o tratamento com um inibidor da recaptação da serotonina e noradrenalina (SNRIs), a venlafaxina, demonstrou estar significativamente associada a um aumento da ideação suicida e comportamentos suicidários em idade pediátrica.⁴ Estes dados são coincidentes com os apresentados num artigo publicado na *Australian Prescriber*, também no decorrer do ano de 2022, onde a ideação suicida e os comportamentos suicidários foram encontrados em 4% dos adolescentes (dobro da frequência do grupo controlo) tratados com antidepressivos, sendo menos comuns nos indivíduos sob terapêutica com SSRIs comparativamente aos tratados com SNRIs.⁵

Em suma, os dados mais recentes consideram os antidepressivos como uma abordagem terapêutica segura, quer nas perturbações de ansiedade, como nas perturbações obsessivo-compulsivas e perturbações depressivas, na adolescência.

A abordagem terapêutica mais vantajosa parece ser a combinação combinada, incluindo psicoterapia e psicofármaco, mantida por um período mínimo de 12 meses, em adolescentes com diagnóstico de episódio depressivo *major*.⁵

RESPONSABILIDADES ÉTICAS

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

SUORTE FINANCEIRO: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa.

PROVENIÊNCIA E REVISÃO POR PARES: Não comissionado; revisão externa por pares.

ETHICAL DISCLOSURES

CONFLICTS OF INTEREST: The authors have no conflicts of interest to declare.

FINANCIAL SUPPORT: This work has not received any contribution grant or scholarship.

PROVENANCE AND PEER REVIEW: Not commissioned; externally peer reviewed.

REFERÊNCIAS

1. Afonso P. O Impacto da Pandemia COVID-19 na Saúde Mental. *Acta Med Port.* 2020;33:356-7. doi: 10.20344/amp.13877.
2. Carlsten A, Waern M, Ekedahl A, Ranstam J. Antidepressant medication and suicide in Sweden. *Pharmacoepidemiol Drug Saf.* 2001;10:525-30. doi: 10.1002/pds.618.
3. Hammad TA, Laughren T, Racoosin J. Suicidality in pediatric patients treated with antidepressant drugs. *Arch Gen Psychiatry.* 2006;63:332-9. doi: 10.1001/archpsyc.63.3.332.
4. Li K, Zhou G, Xiao Y, Gu J, Chen Q, Xie S and Wu J. Risk of Suicidal Behaviors and Antidepressant Exposure Among Children and Adolescents: A Meta-Analysis of Observational Studies. *Front Psychiatry.* 2022;13:880496. doi: 10.3389/fpsy.2022.880496
5. Hazell P. Antidepressants in adolescence. *Aust Prescr.* 2022;45:49- 52. doi: 10.18773/austprescr.2022.011.